

Os nomes de Tamara. Retratos da cidade luso-brasileira na literatura de viagem de inícios do século XIX¹

*Amilcar Torrão Filho*²

Resumo: Este artigo trata das formas como a literatura de viagem nos inícios do século XIX produziu retratos da cidade luso-brasileira como espelhos de alteridade, opondo a barbárie americana à civilização europeia. Os espaços urbanos representam miniaturas da civilização pelas quais se podem observar, como por um microscópio, o desenrolar histórico, social e político do Reino Unido e da jovem monarquia brasileira. Para estes viajantes, a materialidade das cidades expressa a interioridade e a essência dos povos que as constroem e estes espaços urbanos, tanto europeus como luso-brasileiros, são idealizados para além de sua descrição empírica, para servirem de modelos comparativos.

Palavras-chave: Cidade. Viagens. Viajantes. Alteridade.

Abstract: This paper explores the ways in which travel literature in the early Nineteenth Century produced portraits of Luso-Brazilian city as mirrors of otherness, opposing American barbarism to European civilization. Urban areas represent thumbnail of civilization in which we can observe, as through a microscope, the historical, social and political progress of the United Kingdom and the young Brazilian monarchy. For these travelers, the materiality of the cities express the inner and the essence of people that build these urban spaces, both European cities as Luso-Brazilians are idealized beyond its empirical description to serve as comparative models.

Keywords: City. Travel. Travelers. Alterity.

¹ Este texto corresponde, com modificações, a uma parte de minha tese de doutorado, defendida em 2008 no Dep. de História da Unicamp, e publicada em 2010. *A arquitetura da alteridade: a cidade luso-brasileira na literatura de viagem (1783-1845)*. São Paulo: Hucitec, Fapesp, 2010. Realizado no marco do projeto PAPIIT IG400113 da Universidad Nacional Autónoma de México.

² Professor do Departamento de História e do Programa de Pós Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

O olhar percorre as ruas como se fossem páginas escritas: a cidade diz tudo o que você deve pensar, faz você repetir o discurso, e, enquanto você acredita estar visitando Tamara, não faz nada além de registrar os nomes com os quais ela define a si própria e todas as suas partes.

*Italo Calvino*³

Se em finais do século XVIII as instruções de viagem e os relatos de viajantes pouco se ocupam da cidade como espaço narrável, os guias de viagem se desenvolvem para “decifrar a topografia da cidade”, detalhar a “diversidade de atividades cidadinas” e esclarecer “a opacidade social que cria um anonimato cada vez maior⁴”. Talvez as instruções pouco se ocupem da cidade porque ela já se tornou objeto privilegiado dos guias, que de certa forma no século XIX tomam o lugar das instruções na definição do que deve observar um viajante, agora se transmutando em turista. O guia é composto por generalidades sobre a cidade, sua arquitetura e sua população, uma visão a “voe de pássaro”, que pretende ser global, sem distinguir “as divisões do espaço urbano”. Inicialmente os elementos urbanos são apresentados “fora de contexto, eles são arrancados da rede de caminhos que constituem a visita guiada⁵”.

³ *As cidades invisíveis*. Trad. port. Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 18.

⁴ CHABAUD, Gilles. Images de la ville et pratiques du livre: le genre des guides de Paris (XVIIe-XVIIIe siècles). *Revue d'Histoire Moderne et Contemporaine*. Paris: SHMC. 45(2), avr./juin, p. 329.

⁵ HANCOCK, Claire. *Paris et Londres au XIXe siècle*. Représentations dans les guides et récits de voyage Paris: CNRS, 2003, p. 35.

Louis-Sébastien Mercier propõe uma abordagem diferente da cidade no prefácio de seu *Tableau de Paris*, de 1781. “Eu vou falar de Paris”, diz ele, “não de seus edifícios, de seus templos, de seus monumentos de suas curiosidades etc.” Muitos já trataram destes temas em relação à cidade, afirma; ele deseja, assim, falar dos “costumes públicos e particulares, as ideias reinantes, da situação atual dos espíritos”, de tudo enfim que o impressionava “neste amontoado bizarro de costumes loucos ou razoáveis, mas sempre mutáveis” que era a cidade de Paris⁶. Seu objetivo é desenhar um quadro da “fisionomia moral desta gigantesca capital”, e apresentá-la a seus próprios moradores, que viviam nela “como estrangeiros em sua própria cidade⁷”. Não se trata mais de uma descrição topográfica dos espaços físicos da cidade, mas uma descrição moral em suas “nuanças fugidias”, um olhar de estrangeiro cujo estranhamento produz um efeito pitoresco que dá vida à narrativa, ao mesmo tempo em que compõe quadros morais de uma sociedade que se revela no espaço urbano. Mercier não pretende fazer nem um inventário nem um catálogo da cidade, mas desenhar, diz ele, “segundo meus olhos”; desenho traçado “tal qual saído de minha pluma, à medida que meus olhos e meu entendimento lhe

⁶ MERCIER, Louis-Sébastien. *Tableau de Paris*. Étude sur la vie et les ouvrages de Mercier, notes etc. par Gustave Desnoiresterres. Paris: Pagnerre, V. Lecou, 1853, p. 1. Cf. CHABAUD, Gilles, *op. cit.*, p. 323.

⁷ *Id., ibid.*

juntaram as partes⁸”. E a cidade passa a ser entendida como “o melhor observatório da realidade humana e de sua natureza”, e Paris, na qual o cidadão se encontra a todo o tempo com homens de todas as partes do mundo, se torna “a metrópole das observações morais e sociais necessárias para compreender a crescente opacidade que atinge todas as sociedades urbanas⁹”. Em Mercier não temos apenas a observação da cidade como um organismo autônomo, o que não deixa de ser novidade para o século XVIII, mas uma cidade que se decifra e se descreve pelo método da viagem; um desejo de se descobrir quais são os nomes de Tamara.

As narrativas de viagem no século XIX darão um destaque importante à cidade em suas descrições, mesmo quando o objetivo da viagem é a história natural. Assim comerciantes, aventureiros, artistas, “estudavam, com maior ou menor afinco, a fauna e a flora, os recursos naturais”, também “observavam a vida social, tanto rural como urbana, investigavam as relações de trabalho, de produção, a economia e as questões escravistas e indígenas¹⁰”. O que muda de acordo com os objetivos da viagem, é a ênfase que se dá a cada tema. O quadro que pintam os viajantes da ci-

dade luso-brasileira oscila entre estes dois modelos, o que faz um inventário topográfico da cidade e outro que pinta o seu quadro moral e pitoresco buscando a exemplaridade da organização social. O viajante europeu que visita as antípodas de seu mundo, seja a Itália, Espanha, Portugal, o Império Otomano, ou as cidades americanas, costuma ser atraído pelo “esquema do mundo virado de cabeça para baixo”, base para a organização de suas observações em “lugares exóticos¹¹”. Se for possível estabelecer uma evolução entre o fim do século XVIII e o início do XIX, na qual o inventário dá lugar pouco a pouco ao quadro moral, estes dois modelos convivem ainda na maioria das narrativas sem sobrepor-se, embora o quadro moral adquira cada vez mais a precedência. Se o primeiro interesse do viajante-naturalista na América portuguesa é a natureza com suas produções úteis ao aumento da felicidade do gênero humano, além de decifrar a obra divina em seu livro próprio, o que é bastante diferente do que entenderíamos hoje por

⁸ *Id.*, *ibid.*, p. 2.

⁹ ROCHE, Daniel. *Humeurs vagabondes. De la circulation des hommes et de l'utilité des voyages*. Paris: Fayard, 2004, pp. 432-433.

¹⁰ LISBOA, Karen Macknow. Viajantes vêem as festas oitocentistas. In: JANCÓS, István; KANTOR, Iris (org.). *Festa: cultura e sociabilidade na América portuguesa*. São Paulo: Hucitec, Edusp, Fapesp, Imprensa Oficial, 2001, v. 2, p. 624.

¹¹ BURKE, Peter. O discreto charme de Milão: viajantes ingleses no século XVII. In: *Variedades de história cultural*. Trad. port. Alda Porto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 140. Cf. COMPARATO, Vittor Ivo. Viaggiatori inglesi in Italia tra sei e settecento: la formazione di un modelo interpretativo. *Quaderni Storici*. Ancona, 42: 850-886, sett./dic., 1979. IACHELLO, Enrico. La représentation des villes siciliennes dans les récits des voyageurs français (XVIIIe. et XIXe. siècles). *Revue d'Histoire Moderne et Contemporaine*. Paris: Sociét d'Histoire Moderne et Contemporaine. 40(4): 557-577, oct./dec, 1993; e GALLO, Francesca. Viaggiatore e guide nella definizione dell'identità urbana: il caso di Siracusa. *Storia Urbana*. Milano: Franco Angeli, 92: 25-45, lugl./sett., 2000.

um interesse pela natureza, a cidade não deixou de atraí-lo. De fato, o interesse do naturalista logo se estenderá também ao espaço urbano, que foi sempre um lócus privilegiado da literatura de viagem; segundo Pioffet, o “exotismo romanesco é, no século XVII, principalmente urbano”¹². O olhar dos viajantes e dos guias de viagem no século XIX, diz Hancock, “se aparenta àquele do etnógrafo porque ele pretende ler os valores e as estruturas de poder de uma sociedade na organização social de seu *habitat*”¹³. Este olhar etnográfico procura compreender e decifrar as formas de organização social por meio da análise de seus espaços urbanos e das populações que lhe habitam, servindo os livros de viagem e guias urbanos como novas formas de um “novo esclarecimento da linguagem urbana”¹⁴. Esclarecimento que será fundamental para a constituição de identidades nacionais, das quais as cidades serão espelhos, metáforas que identificam as nações, “lugares-comuns” que representam as formulações e hesitações da nacionalidade.

Os temas do exótico vão de livro a livro, e de país exótico a outro. Muitos lugares-comuns da viagem à Itália estão presentes nas narrativas sobre cidades luso-brasileiras: as procissões, ex-votos e tudo o que representa a superstição católica, a violência, as formas de vin-

gança, a reclusão das mulheres, e os *lazzaroni* de Nápoles, “homens robustos, sadios, deitados ao sol sem fazer nada, sendo o *dolce far niente* uma parte indispensável da *dolce vita* italiana como a viam os do norte”¹⁵. Para Burke, esta visão do italiano preguiçoso era uma “versão europeia do mito do nativo preguiçoso”, que vai das selvas americanas para o sul da Europa e Oriente; em seguida, retornará às cidades americanas renovado e readaptado. O mito da Itália, muito parecido às imagens de Espanha e Portugal, é bastante instrutivo para se compreender as imagens conceituais sobre as cidades luso-brasileiras. Um contraste ente “norte e sul (cultura e natureza, civilização e selvageria)”, e também um contraste temporal, no qual a Itália tinha sido o centro do mundo, “mas no século XVIII já se transformara em uma Arcádia”¹⁶. Da mesma forma a América, além da distinção norte e sul era também ao mesmo tempo a infância da humanidade rediviva e a antiga terra da promessa, transformada pela incúria de seus habitantes em terra degenerada e decadente. Iachello observa que dois esquemas de leitura da cidade se interpõem na interpretação das cidades de Agrigento e Siracusa: um velho esquema que celebrava a cidade a sua glória passada e que identificava a cidade a sua antiguidade; e outro mais recente, que ligava sua importância à riqueza econômica. Um é utilizado contra o outro, diz ele,

¹² PIOFFET, Marie-Christine. *Espaces lointains, espaces rêvés dans la fiction romanesque du grand siècle*. Paris: Presses de l'Université de Paris-Sorbonne, 2007, p. 35.

¹³ HANCOCK, Claire. *Op. cit.*, p. 196.

¹⁴ *Id.*, *ibid.*, p. 197.

¹⁵ BURKE, Peter. *Op. cit.*, pp. 141-142.

¹⁶ *Id.*, *ibid.*, pp. 146-147.

pois as duas cidades são acusadas de não “estarem à altura de sua própria história¹⁷”. No caso das cidades luso-brasileiras ocorre algo parecido, em outro sentido: elas são apresentadas em sua pitoresca confusão por conta de seu passado colonial e pela administração de uma potência colonial “ciumenta e decadente”. Por outro lado, em meados da primeira metade do século XIX, elas são apresentadas como uma esperança de construção de uma grande nação no sul do continente, espaços de constituição de uma civilidade monárquica, esperança de união da corte e da cidade em meio à “desordem desagregadora” da natureza dos “Trópicos”.

Estas cidades mestiças sofrem de uma espécie de inadequação, de um erro de construção que as desloca no tempo e no espaço. As sociedades do sul, da Europa ou da América, são vistas como se estivessem em descompasso com o progresso e com civilização europeia, da qual fazem parte, no caso de Itália, Espanha ou Portugal, ou foram por ela criadas, como no caso do Brasil. Tratando da Sicília, Moureau afirma que para os viajantes que a visitam, esta “Grande Grécia da Antiguidade” já não era mais “a matriz da Europa”; ela agora havia se tornado seu “final, não totalmente africana para fazer sonhar, e muito diferente da civilização que reinava no Norte para ser identificada com ela”, um local sem lugar, um espaço deslocado, desarticulado, uma identidade inconclusa. Esta forma de estar no mundo foi vis-

ta como um “enigma” para os homens das Luzes, que tinham a convicção de persistir no Sul “a superstição e as formas mais arcaicas de uma sociedade à margem do progresso do espírito humano¹⁸”. Toda a Itália é de alguma forma um *outro* do Ocidente, um limite da civilização; em Trieste o viajante se sente às portas da Turquia e da barbárie, trata-se de uma cidade “encantadora desde que a deixemos e a contemplemos de longe em seus arredores¹⁹”.

Esta forma de ver a cidade, à distância, de preferência vista do mar, em sua mescla pitoresca de natureza e presença humana, será a forma por excelência da descrição da cidade luso-brasileira como veremos adiante. Nos espaços urbanos, os viajantes encaravam uma alteridade mais complexa do que a natureza “selvagem e tropical” da América. Esta natureza era de uma oposição muito clara à tradição europeia e impunha o seu estranhamento e sua diferença por si mesma; as cidades luso-americanas, apesar de seu aspecto ocidental, encerravam população e hábitos muito diferentes, ainda que o “cenário urbano” pudesse sugerir alguma semelhança com a Europa. Tomemos Spix e Martius em sua conhecida descrição do Rio de Janeiro:

Língua, costumes, arquitetura e afluxo dos produtos da indústria de todas as partes do mundo dão à praça do Rio de Janeiro aspecto europeu. O que, entre-

¹⁷ IACHELLO, Enrico. *Op. cit.*, p. 572.

¹⁸ MOUREAU, François. *Le théâtre des voyages. Une scénographie de l'Âge classique*. Paris: Presses de l'Université de Paris-Sorbonne, 2005, p. 213.

¹⁹ *Id.*, *ibid.*, pp. 228-229.

tanto, logo lembra ao viajante que ele se acha num estranho continente do mundo, é sobretudo a turba variegada de negros e mulatos, a classe operária com que ele topa por toda parte, assim que põe o pé em terra. Esse aspecto foi-nos mais de surpresa que de agrado. A natureza inferior, bruta, desses homens importunos, seminus, fere a sensibilidade do europeu que acaba de deixar os costumes delicados e as fórmulas obsequiosas de sua pátria²⁰.

Na materialidade da cidade, em suas casas, ruas e comércio, Spix e Martius identificam semelhanças com as cidades europeias; no entanto, a imagem invertida do espelho do viajante encontra na ausência de civilidade, na impressão desagradável de corpos escuros e cheiros nauseantes, a imagem da alteridade que viera buscar na América. A descrição é praticamente a mesma que Volney faz de Alexandria, no Egito, cidade na qual “tudo adverte o viajante que ele está em um outro mundo. Descende ele à terra, uma multidão de objetos desconhecidos lhe assalta por todos os sentidos²¹”. O espetáculo da alteridade excita os sentidos do europeu, nos países exóticos, e neste tumulto, o espírito “é nulo para a reflexão”; é apenas depois de chegar a um

abrigo, mais calmo, que o viajante poderá “considerar com mais reflexão essas ruas estreitas e sem pavimentação, essas casas baixas” cheias de treliças, esse “povo magro e enegrecido”, espécies de “fantasmas ambulantes²²”. Se a natureza tem sua alteridade no espaço, na vegetação e nos animais, na cidade o europeu a encontra menos no traçado urbano ou nas construções, mas no próprio homem que a habita e no desencontro de temporalidades distintas que separam o *Novo* do *Velho* Mundo; paradoxo no qual o *Novo* representa o atraso e o passado, e o *Velho* garante o progresso e a marcha em direção ao futuro. Um paradoxo que talvez se explique pelo fato de que muito da matéria que constitui as imagens conceituais das cidades luso-americanas tem sua base nas imagens prévias do Oriente, continente em ruínas de um passado distante, esmaecido, caído em decadência. A decadência da América copia a da Ásia, mas sem ter contado com a passagem civilizadora do tempo.

O Rio de Janeiro, no qual viveu entre 1808 e 1818 o negociante britânico John Luccock, não tinha ainda, em sua visão, recebido as benesses da presença da Corte portuguesa. Ele afirma que os edifícios públicos das grandes cidades da Europa emprestaram aos do Rio apenas os seus nomes e finalidades,

comunicando-lhes, porém, pouca coisa além disso; pouco do seu esplendor e, se possível, menos ainda de seu de-

²⁰ SPIX, Johan Baptist von ; MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. *Viagem pelo Brasil*. 1817-1820. Trad. port. Lúcia Furquim Lahmeyer, rev. por B.F. Ramiz Galvão e Basílio de Magalhães. 3. ed. rev. São Paulo: Melhoramentos; Brasília: INL, 1976, v. 1, pp. 41-42.

²¹ VOLNEY, Constantin-François de Chasseboeuf, conde de. *Voyage en Syrie et en Egypte pendant les années 1783, 1784 & 1785*. Paris: Volland, 1787, v. 1, p. 3.

²² *Id.*, *ibid.*, p. 4.

coro. Acontece o mesmo com as instituições públicas; elas são, em geral, cópias ordinárias dos originais que pretendem imitar²³.

Temos aqui duas ideias que se tornaram lugares comuns de muitos estudos sobre o Brasil e suas cidades: a de que a conformação espacial da cidade reflete, e revela, não apenas um desleixo com as edificações, mas também um descaso com a coisa pública, e de que as “ideias importadas”, “fora do lugar²⁴”, seriam responsáveis por esta falsa aparência europeia, que sufocaria um suposto caráter nacional, na insistência em apossar-se de modelos estrangeiros que não caberiam em nossa “realidade”. Para Luccock, e outros viajantes, a aparência ocidental esconde uma essência muito pouco europeia ou “polida”.

Na maior parte das vezes, a ilusão da aparência urbana se desfaz, revelando a precariedade da cidade construída

nos “Trópicos”. A Catedral carioca, na descrição de Luccock,

consiste num edifício baixo, modesto e sólido (...). Dentro as paredes são caídas, sem ornamentação e sujas. O altar, por sua vez, é tão modesto quanto a igreja, revelando o conjunto que muito pouco aproveitou de qualquer predileção dos grandes ou dos ricos. A orquestra fica no lado leste, comprimida de forma desajeita junto ao teto. Em redor veem-se os sinais de muitos alicerces, muitos deles acrescidos de mato²⁵.

Tão decadente é a imagem desta igreja que até mesmo a natureza se apossa de seu espaço, crescendo o mato dentro do principal templo da cidade. Não por acaso, esta descrição é retirada da purificação do Templo de Jerusalém depois da vitória de Judas sobre Lísias, em Macabeus. Subidos os vencedores ao Monte Sião, contemplaram “o Santuário desolado, o altar profanado, as portas incendiadas, os arbustos crescendo nos átrios como se num bosque ou sobre uma das montanhas, e os aposentos destruídos”. Para Luccock, seria necessário também no templo carioca, que ele fosse purificado e se removesem “para lugar impuro as pedras da contaminação²⁶”.

Muitas vezes, as tentativas de tornar essas cidades mais parecidas com as europeias davam o próprio índice de sua inadequação, quando o resultado aparecia grotesco, deslocado, “fora de lugar”. Koster, ao retornar ao Recife em

²³ LUCCOCK, John. *Notes on Rio de Janeiro, and the southern parts of Brazil* - taken during a residence of ten years in that country, from 1808 to 1818. London: Samuel Leigh, 1820, p. 53.

²⁴ A noção de “ideias importadas”, ou “fora do lugar”, está presente em muitos autores brasileiros, tendo sido formulada inicialmente por PRADO, Paulo. *Retrato do Brasil*. Ensaio sobre a tristeza brasileira. 3. ed. São Paulo: D.P.&C., 1929, p. 206, e HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 20. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988, *passim*. Elas foram sistematizadas, e “batizadas”, pelo crítico marxista SCHWARZ, Roberto em *Ao vencedor as batatas*: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. São Paulo: Duas Cidades, 1977, pp. 13-28. Suas ideias foram refutadas por FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. As idéias estão no lugar. *Cadernos de Debate*. São Paulo: Brasiliense, 1: 61-64, 1976, e por BRESCIANI, Maria Stella Martins. *O charme da ciência e a sedução da objetividade*. Oliveira Vianna entre intérpretes do Brasil. São Paulo: Unesp, 2005, *passim*.

²⁵ LUCCOCK, John, *op. cit.*, pp. 53-54.

²⁶ *Bíblia de Jerusalém*, 1Macabeus, 4, 36-43.

dezembro de 1811, depois de uma curta temporada na Inglaterra, encontrou a cidade bastante modificada. Muitas das “rótulas sombrias” haviam sido substituídas por janelas, com vidros e balcões de ferro, por conta da chegada de diversas famílias de Portugal e três famílias inglesas; as senhoras portuguesas iniciaram, segundo ele, o hábito de ir à missa a pé, em plena luz do dia, e as damas inglesas tomaram o hábito de passear todas as tardes apenas por distração. Estes “melhoramentos” foram adotados por alguns, “que tinham medo de serem os primeiros” a adotar tais hábitos, e por outros “que os acharam agradáveis²⁷”. O “tempo do progresso havia chegado”, diz Koster, e homens que tinham vivido por anos sem nenhuma mudança, “tanto no interior quanto no exterior de suas casas”, estavam agora pintando-as por dentro e por fora, mobiliando-as e “modernizando a si mesmo, a suas famílias e suas moradas²⁸”. No entanto, era ainda uma modernização de fachada, não totalmente introjetada pela civilização, inspirada pela emulação dos estrangeiros, um primeiro passo, é verdade, mas ainda tímido. Este “espírito de mudança” chegava a provocar algumas “consequências grotescas”, como o caso de uma “senhora de consideráveis dimensões”, que havia entrado neste “amor pela inovação”. Ela era “praticamente igual em circunferência e altura”, e ape-

sar desta “desafortunada consequência”, o embelezamento não poderia ser desprezado: sendo assim, decidiu vestir-se à moda inglesa, com chapéu cigano amarrado ao queixo; e o espartilho não fora adotado, mas a saia deveria ser inglesa, revelando “cruelmente belezas que deveriam ser ocultas”; e os pequenos sapatos eram comprimidos pela “superabundância com que a natureza lhe havia prodigamente concedido²⁹”. Esta anedota tem como função inserir uma nota de humor e leveza pitoresca à narrativa, mas também indicar como a sociedade luso-brasileira estava ainda pouco preparada, apesar dos avanços devidos à afluência de estrangeiros, às inovações da civilidade e do progresso.

Um pouco mais condescendente com a nova monarquia foi Debret, para quem a civilização, se mantivera “estacionária no Brasil” até 1808, quando a Corte portuguesa chegou a essa “colônia até então abandonada aos cuidados de um Vice-Rei”. Frase que lhe custou a antipatia dos sócios do Instituto Histórico e Geográfico, não satisfeitos nem com esta civilização apenas estacionária, nem com a menção à colônia abandonada e inculta. O processo civilizatório só teria um impulso maior seis anos mais tarde, quando o Príncipe real D. Pedro “trocou o seu título pelo de *Defensor perpétuo do Brasil*, e alguns meses depois, acrescentou o de *Imperador* de sua pátria adotiva, libertada para sempre da influência portuque-

²⁷ KOSTER, Henry. *Travels in Brazil*. London: Longman, Hurst, Rees, Orme, and Brown, Paternoster-Row, 1816, p. 188.

²⁸ *Id.*, *ibid.*, p. 189.

²⁹ *Id.*, *ibid.*, pp. 189-190.

sa³⁰". As esperanças de Debret estavam no estabelecimento da corte no Rio de Janeiro, "o centro de onde a civilização iria irradiar-se para todas as partes do território". Rapidamente, para Debret, a cidade se modificou para receber as influências da civilização: "o luxo criou artífices hábeis; as ciências formaram sociedades de encorajamento; a arte conquistou adeptos e a tribuna, oradores". E o jovem de elite podia visitar a Europa, aprender sobre as ciências, sobre a indústria, e voltar para ser um dos "mais preciosos sustentáculos de sua *pátria regenerada*³¹". O processo de civilização para Debret, e inúmeros outros viajantes é muito claro: inicialmente, a superação dos vínculos coloniais, que mantiveram o Brasil "isolado" do mundo, sem comunicação com a Europa e nenhum tipo de comércio, nem no sentido de bens e mercadorias, nem no de comunicação entre povos e pessoas, o que faz Debret imaginar que os jovens brasileiros tiveram que esperar a chegada da Corte para viajar e estudar na Europa. Superados os vínculos coloniais, dever-se-ia apagar a herança lusitana, as raízes portuguesas, que nos mantinham assentados à barbárie, que mantinham a civilização estacionada, crítica que é bem percebida pelos sócios do Instituto Histórico. E finalmente,

³⁰ DEBRET, Jean Baptiste. *Voyage pittoresque et historique au Brésil*, ou Séjour d'un artiste français au Brésil, depuis 1816 jusque'en 1831 inclusivement, époques de l'avènement et de l'abdication de S.M.D. Pedro 1^{er}., fondateur de l'empire brésilien. Paris: Firmin Didot Frères, 1834-1839, v. 2, pp. I-II.

³¹ *Id.*, *ibid.*, p. II.

adotar os modos urbanos da Europa na organização da sociedade e das cidades, que são aqui os espelhos desta sociedade, o reflexo da ordem e da civilidade.

Em Debret, o elogio vem sempre acompanhado de pequenas e (embora nem sempre) sutis inversões irônicas. Os viajantes quase sempre louvam a hospitalidade do brasileiro, e Debret também ressalta o seu caráter "cortês e afável". Sua explicação é a existência no país de um "clima delicioso que fecundando as belas plantações, apenas exige dele que fiscalize sossegadamente as abundantes colheitas³²". Essa será uma tópica importante, de um povo que recebe sem esforço as benesses da natureza, tendo em Debret um de seus principais propagadores; que faz da nova monarquia americana, não mais uma Cocanha ou Eldorado, mas uma terra rica, de promessas futuras, ainda que dependente da atividade civilizadora do europeu para cumprir as suas expectativas, o que os portugueses claramente não puderam fazer. Pois se a elevação do Brasil a Reino Unido em 1815 foi um passo importante neste processo, ele ainda conservava o caráter português, de uma monarquia absoluta, que apenas "passou a constitucional representativa a partir de 1822, quando se transformou em Império³³".

A chegada da família real em 1808 é um marco civilizatório para todo viajante que chegou ao Brasil depois desta data. Eschwege nota que este fato foi

³² *Id.*, *ibid.*, p. 1.

³³ *Id.*, *ibid.*, p. 2.

“particularmente feliz para a prosperidade deste Reino; as ciências também ganharam, pois o país foi então aberto aos estrangeiros³⁴”. Note-se que o principal neste fato não é exatamente a chegada da corte portuguesa, mas muito mais a possibilidade aberta a que outros estrangeiros tivessem acesso às riquezas imensas do país. Pois até então, os portugueses haviam “publicado um bem pequeno número de obras sobre este vasto país que eles possuem há três séculos”, vendo ainda, com maus olhos que “os estrangeiros tocassem muito fundo a verdade sobre certos pontos³⁵”. Uma destas “verdades”, tocadas por Eschwege, diz respeito à tão propalada hospitalidade do brasileiro; para ele, ela não passa de uma aparência, ideia tão importante na formação das imagens conceituais da cidade lusobrasileira. Até então, diz ele, se supunha que os viajantes eram ajudados e considerados pelo governo, “muitas vezes até preferidos aos habitantes do país”; entretanto, por isso mesmo, eram vistos por estes “senão com desprezo, ao menos com pouca estima, mesmo que fossem da religião católica”. Quanto aos outros, protestantes, eram vistos como heréticos, tratados com desconfiança, “como homens capazes de trair o país”.

³⁴ ESCHWEGE, M. d'. Observations sur la manière de voyager dans l'intérieur du Brésil, et tableau de cette partie du pays. *Nouvelles Annales des Voyages, de la Géographie et de l'Histoire*. Paris, 3, 1819, p. 99.

³⁵ *Id.*, *ibid.*, p. 100. Para Eschwege, isso só foi possível com a vinda dos sábios alemães após o casamento da arquiduquesa Maria Leopoldina com D. Pedro.

É bem verdade, que o viajante poderia ter a segurança de viajar pelo país sem o risco de ser insultado face a face, ao contrário, ele será acolhido “em todas as partes com polidez e hospitalidade”. Mas é na permanência de um ano, que ele poderá perceber, como parece ser o caso do autor, “as disposições pouco favoráveis aos estrangeiros; é raro que elas se manifestem num primeiro encontro³⁶”.

É verdade que no universo de viajantes poucos tiveram uma visão tão negativa da hospitalidade dos brasileiros. Na maior parte das vezes os protestantes contam anedotas, algumas vezes divertidas, sobre as dúvidas e medos da população mais pobre sobre a sua religião. O que há em comum é o sentimento de inadequação da civilização que se deseja para o país, os melhoramentos que são buscados, e as dificuldades de implantá-los por conta dos vícios arraigados na população e nas instituições. É como aquela saia inglesa, vestida pela senhora pernambucana descrita por Koster, muito pequena para o corpo que tenta vesti-la, ficando desgrenhada, confusa, deslocada, “fora de lugar”.

Parte deste descompasso se deve à origem portuguesa do jovem Império brasileiro, que mesmo independente ainda se ressentia das “raízes” lusitanas fincadas no país. O conde de Suzannet publica em 1844 um artigo devastador, resultado de sua viagem ao país em 1842. Para ele, já no primeiro parágrafo

³⁶ *Id.*, *ibid.*, pp. 118-119.

de seu texto, a visita às cidades brasileiras, mesmo uma estada prolongada, era um empecilho a uma compreensão “exata e completa” do Brasil; para melhor avaliá-lo seria preciso

meter-se no interior das terras, ali onde só penetrou a meias a influência europeia; é ali que aprendemos a conhecer a população, e é ali também que nos damos conta dos numerosos e diversos obstáculos que barram, neste império o desenvolvimento da prosperidade material e da civilização³⁷.

Suzannet teorizou aqui o incômodo que sentiam os viajantes nas cidades brasileiras, sem que tivessem formulado uma hipótese mais precisa como ele. A cidade é espaço da ilusão porque ela confunde os sentidos do viajante, ela apresenta-lhe uma miragem que o faz pensar que está em algum local aparentemente civilizado, em algum ponto indeterminado do Ocidente. Para o senhor de Chavagnes, a cidade mascara a verdadeira “realidade”, escondendo os desafios de uma nação civilizada apenas “a meias”, incompletamente, e cuja bar-

barie ameaça a todo o momento estancar os pequenos avanços do progresso. Aqui não se trata de louvar as virtudes do campo em detrimento dos vícios dos centros urbanos degenerados; sua opção é clara pelo caráter civilizador da cidade³⁸. O que acontece é que as cidades luso-brasileiras não são suficientemente desenvolvidas, material e moralmente, para cumprir essa função.

Seu artigo, dividido em duas partes, quer se contrapor ao “amor-próprio” dos brasileiros que, segundo ele, acreditavam que seu país era o “ponto central da civilização na América do Sul” e logo poderia rivalizar com os Estados Unidos. Reconhece que o país tinha grandes recursos, que o solo não necessitava nada para produzir, mas o papel, pergunta-se, “que desejava desempenhar esta raça portuguesa degenerada está à altura de suas forças? Esta questão que se coloca o viajante que desembarca no Rio de Janeiro, ele não tarda a responder em um sentido bem contrário aos sonhos do orgulho brasileiro³⁹”. Já na chegada ao Rio de

³⁷ SUZANNET, L. de Chavagnes, conde de. Le Brésil en 1844. Situation morale, politique et financière. Intérieur du pays. – Les Villes maritimes. – Avenir politique. – Rapports du Brésil avec l'Europe. *Revue des Deux Mondes*. Paris, 7(3), 1844, p. 66. Sobre este texto, cf. CARELLI, Mario. Visão por alto das imagens do Brasil na França. Uma herança ambígua. In: *Imagens recíprocas do Brasil e da França*. Atas do Colóquio organizado no quadro do projeto França-Brasil. Coordenação de Solange Parvaux e Jean Revel-Mouroz. Paris: IHEAL, 1991, v.1, pp. 112-113; e ROUANET, Maria Helena. *Eternamente em berço esplêndido: a fundação de uma literatura nacional*. São Paulo: Siciliano, 1991, pp. 124 e ss.

³⁸ Indo do Prata ao Rio de Janeiro, o autor observa, em meio às convulsões políticas da região à época do general Rosas: “A infeliz república argentina, submetida a um jugo de ferro, esperará muito tempo ainda antes de se organizar. A civilização desaparece e se apaga, graças à ascendência de um chefe que se apoia sobre os instintos selvagens dos homens do campo”. SUZANNET, conde de. *Souvenirs de voyages*. Les provinces du Caucase, l'empire du Brésil. Paris: G.-A. Dentu, 1846, p. 199.

³⁹ *Id.*, *ibid*, pp. 66-67. No seu texto publicado em livro, a referência aos Estados Unidos foi refeita. Se no artigo os brasileiros criam que logo poderiam rivalizar com a potência da América do Norte, em seu livro isso se transforma numa certeza: “Cada fato novo que eu podia recolher me fazia duvidar da civilização do Brasil, que me

Janeiro, a cidade não lhe produz a impressão que ele esperava experimentar, ela lhe parece uma fantasmagoria; a baía de Guanabara é tão vasta “que o olhar não pode abarcar toda a sua extensão; você fica indeciso diante dos quadros tão diversos que se procura em vão agrupá-los em torno a um ponto central; apenas na entrada da baía que podemos apreender o conjunto da paisagem”. O Corcovado e o Pão de Açúcar dominam um grupo de colinas pitorescas, mas quanto à cidade, “perdida no espaço, seria difícil julgar sua importância, pois as igrejas da Glória e de Santa Tereza são os únicos monumentos que você pode distinguir⁴⁰”. É interessante notar que na publicação em livro deste texto, há algumas modificações significativas neste trecho: aqui ele afirma que a baía de Guanabara não oferece “o imponente espetáculo das vistas de Nápoles ou de Constantinopla”, às quais era frequentemente comparada nas narrativas de viagem. Sobre as montanhas que emolduram a baía, à exceção do Pão de Açúcar, “cone árido, mais bizarro do que majestoso”, e do Corcovado, “que paira sobre nossas cabeças”, no qual procurei, diz ele “em vão perceber diferenças de formas que me permitissem distingui-las”. O aspecto destas montanhas, afirma, é semelhante “à face dos negros, que por

havam dito estar tão avançada, pois os brasileiros não hesitam em crer que o Brasil está para a América do Sul, como os Estados Unidos para a América do Norte, o centro de uma civilização ativa e inteligente”. *Op. cit.*, p. 213.

⁴⁰ *Id.*, *ibid.*, p. 67.

não terem fisionomias distintas, apenas o hábito nos impede de confundi-los⁴¹”. Ainda que afirme que na cidade não se pode compreender o verdadeiro caráter do Brasil, o Rio de Janeiro tornou-se, para ele, metáfora e imagem símbolo do país: cidade opaca, indefinível, indistinguível, face sem fisionomia de uma nação que é igual aos negros que inundam suas ruas e fazendas, um único rosto desfigurado e sem expressão. Se a expressão facial representa uma “relação entre a interioridade do homem e sua aparência, e de suas transformações⁴²”, a expressão do negro, e por antonomásia, do Brasil, representa o vazio e a inexpressão; nada mais além de ilusão e desordem.

A cidade do Rio é um local sem encantos, que só provoca tristeza ao viajante, à exceção do clima admirável e das paisagens do seu entorno: natureza magnífica, humanidade degradada. Ela não possui muitos monumentos, o palácio do Imperador estava ainda inacabado, “um grande edifício construído sem arquitetura”; as igrejas e edifícios públicos “são construídos solidamente, mas sem graça”, e a única construção notável é o aqueduto da Lapa. A principal rua é a do Ouvidor, que “comparam à nossa Rua Vivienne”, na qual há algumas lojas cuja elegância e bom gosto contrastam com o resto da cidade, mas que parece não tê-lo impressio-

⁴¹ *Id.*, *Souvenirs de voyages...*, *op. cit.*, p. 201.

⁴² COURTINE, Jean-Jacques; HAROCHE, Claudine. *Histoire du visage*. Exprimer et taire ses émotions (du XVIIe siècle au début du XIXe siècle). Paris: Payot, Rivages, 1988, p. 48.

nado muito⁴³. Um dos únicos locais da cidade que lhe agradaram, foi o Jardim Botânico, localizado num vale e cercado de montanhas cobertas de florestas virgens. “Ficamos encantados”, diz ele, com esta natureza do Novo Mundo, onde tudo possui “uma grandeza que a Europa poderia invejar, se ela não tivesse por outro lado tantas outras vantagens mais preciosas, ainda que talvez menos apreciadas⁴⁴”. Um elogio invertido, que se volta à Europa e transforma a qualidade em desvantagem: a natureza exuberante, a beleza do Jardim Botânico, não são nada sem a civilização, e essa, só a Europa pode dar. Suzannet faz um pequeno resumo histórico da cidade do Rio de Janeiro, cujos eventos podem se resumir, diz ele, em “poucas palavras”. Sua construção é bastante interessante: começa com a descoberta da baía, em 1519; segue com a tomada da cidade por Villegagnon, em 1555, incapaz de manter sua possessão, sendo então expulso em 1568 pelos portugueses, que um leitor desavisado não teria como saber, em seu texto, que haviam fundado a cidade. Em 1710, Duclerc desembarca no Rio, mas é preso e assassinado; Duguay-Trouin vinga a sua morte impondo uma derrota e grande contribuição de guerra à cidade. Em 1763 se torna a capital do Brasil, e recebe mais tarde o Rei “fugitivo”, D. João, que oferece inúmeros privilégios sobre o Brasil ao “despotismo” dos ingleses;

seguindo assim até a independência⁴⁵. Não por acaso, o seu resumo histórico não passa de um sumário da ação francesa na cidade, que parece ser o único índice de atividade e de civilização que a capital brasileira experimentou em sua história.

Outra observação de Suzannet é a da dificuldade de se obter informações sobre o interior do Brasil, pela incapacidade de se conseguir qualquer dado sobre alguma região do país pelas pessoas que nela vivem, incapazes de dar informações ainda que incompletas; é impossível, diz ele, encontrar um homem que possa dar uma opinião sobre o estado das províncias do interior “apoiada em fatos”. Para conseguir então alguma informação correta, a única opção era recorrer “às obras dos diferentes viajantes que exploraram o Brasil⁴⁶”. Os brasileiros “não viajam jamais”, por isso são incapazes de produzir informações confiáveis sobre seu país, o que faz com que a Rio de Janeiro se encontre impossibilitado de ser um verdadeiro centro de decisões políticas e econômicas que interessem às demais províncias; para isso, os homens de Estado deveriam ter informações “aprofundadas sobre a situação das diferentes províncias, conhecimentos que lhes faltavam inteiramente”; esta ignorância seria a causa das inúmeras revoluções, que acabariam por dividir o país e permitir a instalação de uma república⁴⁷.

⁴³ SUZANNET, L. de Chavagnes, conde de. Le Brésil en 1844, *op. cit.*, p. 69.

⁴⁴ *Id.*, *Souvenirs de Voyages...*, *op. cit.*, p. 210.

⁴⁵ *Id.*, *ibid.*, pp. 203-205.

⁴⁶ *Id.*, Le Brésil en 1844, *op. cit.*, p. 68.

⁴⁷ *Id.*, *Souvenirs de voyages...*, *op. cit.*, pp. 205-206.

Suzannet deixa um pouco mais claro o que está implícito em alguns viajantes, de que o Brasil não pode ser administrado apenas pelos brasileiros, por sua incapacidade administrativa e, neste caso, por sua incapacidade de compreender a própria “realidade”; o mundo que os cerca, foi apenas de certo modo criado por eles, pois a maior parte do Brasil teve muito mais a mão da natureza para a sua formação do que propriamente dos homens. Caberia aos estrangeiros dar as “lições severas para esclarecer os brasileiros de seus verdadeiros interesses⁴⁸”.

No interior do país, Suzannet visita as cidades de Ouro Preto, Barbacena, São João del Rei, Juiz de Fora, Diamantina, Tijuco, além da Bahia e de Pernambuco. Em Minas Gerais, se espanta com a decadência e com “a vida independente e nômade” que levam até mesmo os cultivadores ricos. Privados de toda educação, os brasileiros “fogem da sociedade à qual eles não procuram”, não tendo relações com ninguém além de seus subalternos; pouco importa onde vivam, pois “tudo lhes é indiferente, desde que possam satisfazer seus instintos grosseiros⁴⁹”. O vício é acompanhado de uma completa negligência e apatia, uma indiferença que aproxima, mesmo os ricos, da inação e da animalidade. Em Ouro Preto, só se pode perceber a cidade no momento em que se chega nela, não possuindo assim uma visão pitoresca de seu conjunto urbano

em anfiteatro, como o Rio de Janeiro. A cidade é um “amontoado de casas, perdido no meio das montanhas”, que oferece poucos atrativos: apenas as igrejas e o palácio do presidente da província “se destacam da massa confusa das habitações”. Suas ruas são inclinadas, e os cavalos as escalam com dificuldade; a maioria de suas casas se encontrava em ruínas, “pois a população se afasta de uma capital cujo clima oferece poucos encantos⁵⁰”. Em Minas, sua reflexão retoma a ideia que apresentara do Rio de Janeiro como teatro de aparências: na capital ele afirma ter observado os homens e os partidos “no teatro mesmo de seus incessantes debates”; já em Ouro Preto, diz ter presenciado “a ação do governo tal qual ela se exerce no interior do país”, na província mais rica e povoada do Império, podendo presenciar “a desordem da administração, a incapacidade da autoridade”, provando o quanto faziam falta ainda à sociedade os benefícios “de uma forte e sábia direção”.

Rio e Ouro Preto eram suficientes para dar base a seus julgamentos, diz ele, sobre a principal questão do Império, o “futuro político e comercial que lhe é reservado⁵¹”. A ideia da aparência encontra seu paroxismo no texto de Suzannet: o debate, a conversação e a polêmica são frequentes entre os políticos brasileiros, mas “numa discussão séria, a sua falta de educação não tarda a se traír”; na tribuna, não passam de “ora-

⁴⁸ *Id.*, *Le Brésil en 1844, op. cit.*, p. 851.

⁴⁹ *Id.*, *ibid.*, p. 82.

⁵⁰ *Id.*, *ibid.*, p. 83.

⁵¹ *Id.*, *ibid.*, pp. 87-88.

dores ridículos⁵²". A sociedade, marcada pelos vícios da escravidão, tenta esconder a "corrupção profunda que se esconde sob uma reserva aparente⁵³". E a administração da justiça parece constituída, num primeiro aspecto, sobre bases regulares, o governo estabeleceu tribunais em todas as partes, "mas estas brilhantes aparências escondem uma chaga vergonhosa", de venalidade e corrupção⁵⁴. A política está baseada em "aparências frívolas", que escondem "um sério mal": o combate à influência europeia "que teria felizes resultados para o Brasil⁵⁵". A busca pelo ouro é, assim, metáfora ideal para ilustrar essa sociedade ilusória, irreal e de aparências, sonhando com "riquezas perdidas" e onde não havia mais do que "o ouro colocado na superfície da terra", que tentava "a ambição dos habitantes⁵⁶".

O texto de Suzannet leva ao paroxismo, ao exagero, teses que estão em maior ou menor grau presentes na literatura de viagem, tanto em autores franceses como britânicos. Leva ao limite a ideia de imoralidade, desordem e caos da sociedade e das cidades luso-brasileiras, e ainda em 1842 a origem portuguesa aparece como uma mácula, um vício de origem, uma raiz malsã do Império brasileiro. "O estado moral da população de origem portuguesa responde a suas luzes: a corrupção dos costumes brasileiros é demasiado conheci-

da para que eu queira citar exemplos; é, aliás, uma *questão de família*⁵⁷". Por isso me detive nele para exemplificar como chega ao limite a querela política que dá substância a estes textos, numa disputa pela preeminência na tarefa que parece urgente aos viajantes, que é a de civilizar a sociedade brasileira e dar um bom uso aos recursos naturais e geográficos, de que é tão pródiga, e que até então não pudera ou não soubera utilizar. Poucos viajantes serão tão claros, afirmando a incapacidade dos luso-brasileiros em levar à frente esta tarefa; para muitos, o país não necessitava mais do que orientação, mudanças de costumes, de hábitos, sobretudo o fim da escravidão e a valorização do trabalho livre. Mas a questão de fundo permanece a mesma; a sociedade está incompleta, as cidades não são mais do que uma aparência, um "verniz" de civilização que não corresponde ao estado real do país.

No espaço da cidade os viajantes constroem retratos das sociedades que visitam, assim como de suas próprias sociedades. Está implícito em suas descrições que neste jogo especular as cidades caóticas e desordenadas, as imagens fora de lugar destas cidades correspondem ao inverso de suas próprias cidades, definidas silenciosamente em seus textos, nos muitos nomes de

⁵² *Id.*, *ibid.*, p. 91.

⁵³ *Id.*, *ibid.*, p. 95.

⁵⁴ *Id.*, *ibid.*, p. 96.

⁵⁵ *Id.*, *Souvenirs de voyages...*, *op. cit.*, p. 220.

⁵⁶ *Id.*, *Le Brésil en 1844*, *op. cit.*, p. 855.

⁵⁷ *Id.*, *ibid.*, p. 94. Destaque meu. Cf. TORRÃO FILHO, Amílcar. A Arquitetura da desordem: imagens contraditórias da Corte Joanina no Brasil na literatura de viagem. In: OLIVEIRA, Paulo Motta. (org.). *Travessias: D. João VI e o mundo lusófono*. Cotia, SP: Ateliê, 2013, pp. 125-138.

Tamara diante de seu espelho de alteridade. Embora tenham relação evidente com experiência concreta da passagem por estas cidades, elas são construções muitas vezes idealizadas, tanto a desordem pitoresca das cidades americanas quanto uma suposta ordem e civilidade das cidades europeias. Por isso não chega a espantar a proximidade das descrições dos subúrbios de Londres e Paris com as descrições das cidades luso-brasileiras. Engels, num texto célebre de 1845, que não deixa de ser ele também uma narrativa de viagem, faz uma viva descrição dos bairros de “má reputação” das grandes cidades britânicas, onde vivia a maior parte dos operários. Nestes bairros, as ruas

não são planas nem pavimentadas; são sujas, cheias de detritos vegetais e animais, sem esgotos nem canais de escoamento, mas em contrapartida semeadas de charcos estagnados e mal cheirosos. Para além disso, o arejamento torna-se difícil, pela má e confusa construção de todo o bairro, e como aqui vivem muitas pessoas num pequeno espaço, é fácil imaginar o ar que se respira nestes bairros operários⁵⁸.

O mais repugnante dos bairros operários londrinos é St. Giles, o “Ninho dos Corvos” (*Rookery*). Nele, o mercado está instalado nas ruas, com alimentos de péssima qualidade e exa-

lando um cheiro repugnante. As casas são “tão sujas no interior como no exterior e têm tal aspecto que ninguém aí desejaria habitar”. Entretanto, não são nada comparadas com os alojamentos dos pátios e vielas transversais,

onde a sujidade e a ruína ultrapassam a imaginação; não se vê, por assim dizer, um único vidro inteiro, as paredes estão leprosas, os batentes das portas e os caixilhos das janelas estão quebrados ou descolados, as portas – quando as há – são feitas de pranchas velhas pregadas juntas; aqui, mesmo neste bairro de ladrões, as portas são inúteis porque não há nada para roubar⁵⁹.

Em Manchester, a situação não será melhor, com uma “arquitetura caótica”; no bairro operário, quando se deixa a rua principal, Long Millgate, as ruas, vielas e becos deixam o viajante desorientado. “Há montes de escombros, de detritos e de imundícies por todo o lado; em vez de valetas, charcos de água estagnada e um cheiro, que por si só, impediria qualquer homem, por menos civilizado que fosse, de habitar em tal bairro⁶⁰”.

A semelhança com as descrições das cidades luso-brasileiras é imensa, e mesmo Engels utiliza-se também de imagens bíblicas para destacar a intensa alteridade destes espaços que, apesar de urbanos, não são para ele humanos. O Levítico determina que uma casa que apresente em suas paredes cavi-

⁵⁸ ENGELS, Friedrich. *A situação da classe trabalhadora em Inglaterra*. Trad. port. Anália C. Torres. Porto: Afrontamento, 1975, p. 59. Cf. BRESCIANI, Maria Stella. *Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

⁵⁹ *Id.*, *ibid.*, p. 60.

⁶⁰ *Id.*, *ibid.*, p. 86.

dades esverdeadas ou avermelhadas, causadas pelo bolor, deve ser fechada pelo sacerdote por sete dias, porque se apresenta com lepra, e está impura. O sacerdote deve voltar ao sétimo dia e se, “após exame, contatar que a enfermidade se desenvolveu nas paredes da casa, ordenará que se retirem as pedras atacadas pela enfermidade e que sejam atiradas fora da cidade, em lugar impuro”. No caso de que a “doença” não se cure, de que haja lepra contagiosa na casa, ela “será demolida e serão transportados para um lugar impuro, fora da cidade, as suas pedras, suas madeiras e todo o seu reboco⁶¹”. Nas Escrituras, o espacial também reflete o estado moral, o estado de pureza do povo de Israel. Uma casa com lepra, uma cidade impura, representam igualmente uma sociedade impura e leprosa no coração e na alma; uma cidade suja, imoral, viciada, reflete a interioridade de seu povo.

As similitudes entre as descrições das cidades luso-brasileiras e dos distritos operários das capitais europeias são tão surpreendentes quanto o fato de não terem sido notadas pela historiografia, que assumiu a sua absoluta heterogeneidade tal qual descrita na literatura de viagem. Uma das exceções é Belluzzo, que recorda que além da sujeira das cidades luso-brasileiras, destacadas pelos viajantes, “a insalubridade das cidades europeias é também alvo de críticas no século XIX”. A diferença é que nas cidades do Brasil, a “população negra coberta de lama de-

pois das chuvas provoca o sentimento de repulsa dos ingleses e colabora para a imagem de ‘imundície’ e ‘insalubridade’ da cidade⁶²”. Não estou afirmando que as cidades fossem iguais, o que implicaria uma visão contrária, de absoluta homogeneidade; as cidades diferiam muito dentro de um mesmo país, e ainda possuíam muitas vezes territórios heterogêneos dentro de seus próprios limites. No entanto, as descrições que os viajantes fazem de nossas cidades constroem uma imagem de alteridade a partir de descrições que bem poderiam caber às cidades industriais inglesas, ou às ruas buliçosas, cheias de vida e pobreza da Paris do século XVIII como descritas por Arlette Farge⁶³. Parte desta similitude se deve a terem servido as cidades exóticas como um modelo para a interpretação das cidades europeias, sobretudo daquelas regiões habitadas pelos novos bárbaros que a assaltam, pobres, vagabundos, indigentes, criminosos. Assim como para Engels, a descrição da cidade serve de denúncia das mazelas sociais e políticas de uma nação em construção, necessitada da experiência e dos ensinamentos das nações do Velho Mundo. Dessa forma, o medo das classes perigosas na Europa, de sua falta de instrução e cultura, sua anarquia, suas reações convulsivas, se transpõe para a América, e estes julgamentos “se aplicam à população de

⁶¹ *Bíblia de Jerusalém*, Levítico, 14, 33-45.

⁶² BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. *O Brasil dos viajantes*. 3. ed. São Paulo: Metalivros; Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, v. 3, p. 21.

⁶³ FARGE, Arlette. *Vivre dans la rue à Paris au XVIIIe siècle*. Paris: Gallimard, 2000.

cor que forma as classes perigosas⁶⁴. É frequente nos viajantes a identificação dos negros, escravos, mulatos, indígenas, com a ociosidade, com a violência gratuita e com a constante ameaça de sedição destas “raças perigosas”. Constituem uma advertência aos civilizados das ameaças constantes dos bárbaros, sejam eles operários londrinos, parisienses, escravos africanos no Rio de Janeiro, ou mamelucos de São Paulo.

Referências bibliográficas

BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. *O Brasil dos viajantes*. 3. ed. São Paulo: Metalivros; Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

Bíblia de Jerusalém. Trad. port. Gustavo da Silva Gorgulho et. al. São Paulo: Paulus, 2004.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. *Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. *O charme da ciência e a sedução da objetividade*. Oliveira Vianna entre intérpretes do Brasil. São Paulo: Unesp, 2005.

BURKE, Peter. O discreto charme de Milão: viajantes ingleses no século XVII. In: *Variedades de história cultu-*

ral. Trad. port. Alda Porto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, pp. 137-158.

CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. Trad. port. Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CARELLI, Mario. Visão por alto das imagens do Brasil na França. Uma herança ambígua. In: *Images réciproques du Brésil et de la France. Images réciprocas do Brasil e da França*. Atas do Colóquio organizado no quadro do projeto França-Brasil. Coordenação de Solange Parvaux e Jean Revel-Mouroz. Paris: IHEAL, 1991, v.1, pp. 109-117.

CHABAUD, Gilles. Images de la ville et pratiques du livre: le genre des guides de Paris (XVIIe-XVIIIe siècles). *Revue d'Histoire Moderne et Contemporaine*. Paris: SHMC. 45(2): 323-345, avr./juin., 1998.

COMPARATO, Vittor Ivo. Viaggiatori inglesi in Italia tra sei e settecento: la formazione di un modelo interpretativo. *Quaderni Storici*. Ancona, 42: 850-886, sett./dic., 1979.

DEBRET, Jean Baptiste. *Voyage pittoresque et historique au Brésil*, ou Séjour d'un artiste français au Brésil, depuis 1816 jusqu'en 1831 inclusivement, époques de l'avènement et de l'abdication de S.M.D. Pedro 1^{er}., fondateur de l'empire brésilien. Paris: Firmin Didot Frères, 1834-1839. 3 vv.

⁶⁴ POTELET, Jeanine. *Le Brésil vu par les voyageurs et les marins français. 1816-1840*. Témoignages et images. Paris: L'Harmattan, 1993, p. 371.

ENGELS, Friedrich. *A situação da classe trabalhadora em Inglaterra*. Trad. port. Anália C. Torres. Porto: Afrontamento, 1975.

ESCHWEGE, M. d'. Observations sur la manière de voyager dans l'intérieur du Brésil, et tableau de cette partie du pays. *Nouvelles Annales des Voyages, de la Géographie et de l'Histoire*. Paris, 3: 99-120, 1819.

FARGE, Arlette. *Vivre dans la rue à Paris au XVIIIe siècle*. Paris: Gallimard, 2000.

FRANCO, Maria Sylvia Carvalho de. As idéias estão no lugar. *Cadernos de Debate*. São Paulo: Brasiliense, 1: 61-64, 1976.

GALLO, Francesca. Viaggiatore e guide nella definizione dell'identità urbana: il caso di Siracusa. *Storia Urbana*. Milano: Franco Angeli, 92: 25-45, luglio/sett., 2000.

HANCOCK, Claire. *Paris et Londres au XIXe siècle*. Représentations dans les guides et récits de voyage. Paris: CNRS, 2003.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 20. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

IACHELLO, Enrico. La représentation des villes siciliennes dans les récits des voyageurs français (XVIIIe. et XIXe. siècles). *Revue d'Histoire Moderne et*

Contemporaine. Paris: Société d'Histoire Moderne et Contemporaine. 40(4): 557-577, oct./dec., 1993.

KOSTER, Henry. *Travels in Brazil*. Londres: Longman, Hurst, Rees, Orme, and Brown, Paternoster-Row, 1816.

LISBOA, Karen Macknow. Viajantes vêem as festas oitocentistas. In: JANCSÓ, István; KANTOR, Iris (org.). *Festa: cultura e sociabilidade na América portuguesa*. São Paulo: Hucitec, Edusp, Fapesp, Imprensa Oficial, 2001, v. 2, pp. 623-635.

LUCCOCK, John. *Notes on Rio de Janeiro, and the southern parts of Brazil; taken during a residence of ten years in that country, from 1808 to 1818*. Londres: Samuel Leigh, 1820.

MERCIER, Louis-Sébastien. *Tableau de Paris*. Étude sur la vie et les ouvrages de Mercier, notes etc. par Gustave Desnoiresterres. Paris: Pagnerre, V. Lecou, 1853.

MOUREAU, François. *Le théâtre des voyages*. Une scénographie de l'Âge classique. Paris: Presses de l'Université de Paris-Sorbonne, 2005.

_____. Paradojas brasileñas de las Luces francesas. Trad. esp. María Jesús Fernández, María Luísa Leal. In: LEAL, María Luísa; FERNÁNDEZ, María Jesús; GARCÍA BENITO, Ana Belén (coord.). *Invitación al viaje*. Mérida: Junta de Extremadura, 2006, pp. 127-128.

PIOFFET, Marie-Christine. *Espaces lointains, espaces rêvés* dans la fiction romanesque du Grand Siècle. Paris: Presses de l'Université de Paris-Sorbonne, 2007.

POTELET, Jeanine. *Le Brésil vu par les voyageurs et les marins français. 1816-1840*. Témoignages et images. Paris: L'Harmattan, 1993.

PRADO, Paulo. *Retrato do Brasil*. Ensaio sobre a tristeza brasileira. 3. ed. São Paulo: D.P.&C., 1929.

ROCHE, Daniel. *Humeurs vagabondes*. De la circulation des hommes et de l'utilité des voyages. Paris: Fayard, 2004.

ROUANET, Maria Helena. *Eternamente em berço esplêndido*: a fundação de uma literatura nacional. São Paulo: Siciliano, 1991.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

SPIX, Johan Baptist von; MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. *Viagem pelo Brasil. 1817-1820*. Trad. Lúcia Furquim Lahmeyer, rev. por B.F. Ramiz Galvão e Basílio de Magalhães. 3. ed. rev. São Paulo: Melhoramentos; Brasília: INL, 1976, 3 v.

SUZANNET, L. de Chavagnes, conde de. *Le Brésil en 1844*. Situation morale, politique et financière. Intérieur du

pays. – Les Villes maritimes. – Avenir politique. – Rapports du Brésil avec l'Europe. *Revue des Deux Mondes*. Paris, 7(3): 66-105; 849-909, 1844.

_____. *Souvenirs de voyages*. Les Provinces du Caucase, l'empire du Brésil. Paris: G.-A. Dentu, 1846.

TORRÃO FILHO, Amilcar. *Imagens de pitoresca confusão: a cidade colonial na América portuguesa*. *Revista USP*. São Paulo: CCS/USP, 57: 50-67, mar./mai., 2003.

_____. *A Arquitetura da alteridade: a cidade luso-brasileira na literatura de viagem (1783-1845)*. São Paulo: Hucitec, FAPESP, 2010.

_____. *Le catholicisme luso-brésilien selon les voyageurs français du XIXème siècle*. *Travaux de Littérature*. Genebra: Droz, XXIV: 207-217, 2011.

_____. *A Arquitetura da desordem: imagens contraditórias da Corte Joanina no Brasil na literatura de viagem*. In: OLIVEIRA, Paulo Motta. (org.). *Travessias: D. João VI e o mundo lusófono*. Cotia, SP: Ateliê, 2013, pp. 125-138.

VOLNEY, Constantin-François de Chasseboeuf, conde de. *Voyage en Syrie et en Egypte pendant les années 1783, 1784 & 1785*. Paris: Volland, 1787, 2 v.